

## OS CINCO LIMITES DO CONGELAMENTO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*IstoÉ-Senhor*, 15.3.1989

A estratégia de descongelamento do Plano Cruzado, coerente com o objetivo de inflação zero, era a de se manter o congelamento e a desindexação pelo máximo tempo possível, enquanto a estratégia do Plano Bresser era a de sair do congelamento de forma ordenada, com a economia plenamente indexada, o mais depressa possível. Até o momento o Plano Verão, apesar da oportuna reindexação dos balanços, está seguindo a Estratégia Cruzado corrigida por uma taxa de juros altíssima, por uma limitação quantitativa do crédito ao setor privado, e pela tentativa de reduzir o déficit público. Se esta tentativa tivesse possibilidade efetiva de zerar o déficit público operacional e se os preços relativos não tivessem sido desequilibrados pelos aumentos autorizados na véspera do plano, esta estratégia seria adequada. Como, entretanto, nenhuma das duas condições está presente, entendo que a adoção Estratégia Cruzado, baseada na aposta máxima de zerar a inflação, é muito arriscada. Poderá resultar, no momento do descongelamento, em um estouro dos preços semelhante ou pior do que o do Cruzado.

Francisco Lopes, que conhece o problema melhor do que ninguém, embora reconheça as limitações do Plano Verão, defende neste momento a Estratégia Cruzado, porque só com um congelamento longo a memória inflacionária poderia ser apagada, e porque entende que um descongelamento rápido, dados os desequilíbrios reais e estimados dos preços, levaria agora a uma explosão inflacionária.

Creio que esta posição, que, talvez por inércia, está sendo adotada pelo governo, é equivocada. O descongelamento e a reindexação não devem ser feitos de forma abrupta, mas devem ser feitos o mais rápida e suavemente possível.

Para um congelamento longo há cinco limites muito claros, dada uma inflação que não foi totalmente eliminada mesmo durante o congelamento (veja-se a inflação de 3,6 por cento para 11 dias de fevereiro). Primeiro limite: a taxa de câmbio. Se as minidesvalorizações não começarem logo, quando for inevitável começarão por uma maxi. Segundo limite: os salários. Se não se estabelecer imediatamente uma regra semelhante à URP para os salários, quando os trabalhadores lograrem a reposição de

suas perdas (que, por enquanto, são pequenas), o aumento de salários será alto. Terceiro limite: os preços das mercadorias. Se não se começar o reajuste gradual dos preços relativos, quando estes começarem será de forma descontrolada. Quarto limite: a taxa de juros real enquanto causadora de déficit público. Se esta não começar a ser reduzida, o déficit público que provocará anular qualquer política fiscal do governo. A proposta de Edmar Bacha de que se suspenda o pagamento dos juros da dívida externa quando esse limite chegar é correta, mas novamente só valeria a pena se fosse para zerar o déficit público. Quinto limite: a taxa de juros enquanto causadora de recessão. Uma recessão seria inevitável se houvesse no momento possibilidade de acabar definitivamente com altas taxas de inflação, mas uma recessão com inflação é insuportável. O governo não terá condições políticas nem razão moral para sustentá-la.

Todos esses cinco limites nos dizem uma única coisa: a aposta máxima do Plano Cruzado é muito perigosa. A taxa de juros elevada e o teto ao crédito privado não são âncoras suficientes para sustentar um congelamento por longo tempo. Essa estratégia poderá levar o Plano Verão a um enorme fracasso, enquanto uma estratégia mais modesta e realista não acabará com a inflação mas a manterá sob relativo controle até o próximo governo.